

NILSON SANTANA

## Formado pela escola onde foi dar aulas

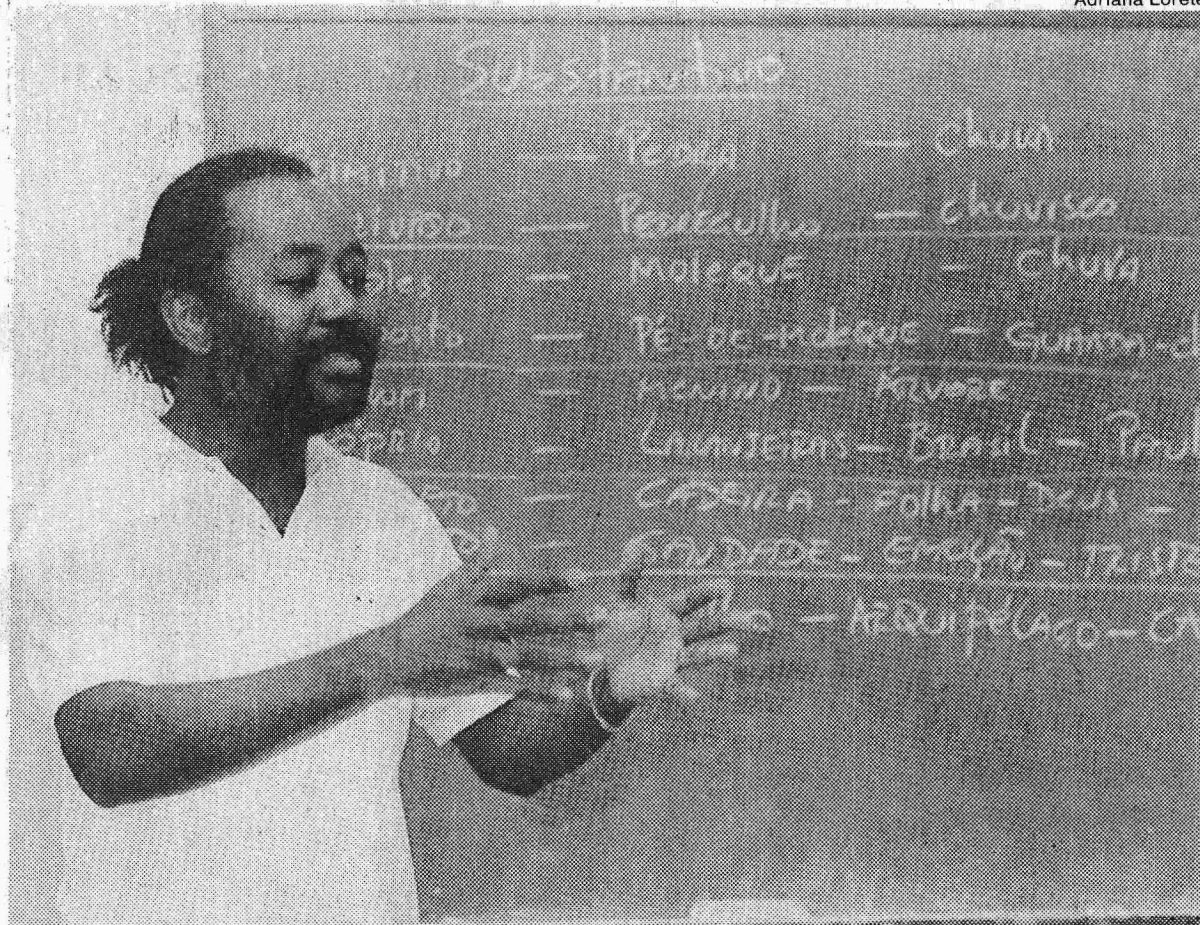
Hoje professor de Português, Nilson de Oliveira Santana, de 41 anos, foi educado num dos mais bem conceituados colégios da Pehna, na zona da Leopoldina, onde morava. Além das aulas curriculares e de reforço, também aprendeu datilografia, trabalhos manuais e prendas domésticas. Como quase todos os seus colegas de turma, passou no vestibular que prestou para Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1976, e depois de formado fez concurso para lecionar no estado. Aprovado, não pensou duas vezes: escolheu o Colégio Estadual Gomes Freire de Andrade, onde estudou, para trabalhar. Esta história, comum na época, dificilmente se repete hoje.

“Creio que se começasse a vida agora não teria passado para a uni-

versidade. A escola pública não é mais uma chance de ascensão”, diz Nilson. Filho de bombeiro hidráulico, ele fez o primário na Escola Municipal Pará e o ginásio na João Neves da Fontoura, ambas em Rocha Miranda. “Nunca fiquei sem aulas por falta de professor nem precisei fazer cursinho. Sou da época em que estudar em escola particular era ruim, meio *pagou, pas-sou*”, relembra.

Não faltam saudades ao comparar o Gomes Freire de Andrade de hoje — 222º lugar no ranking das 235 escolas que inscreveram alunos no último vestibular da UFRJ — ao dos tempos de estudante: “Faltam professores, funcionários, giz, mimeógrafo para rodar o texto dos alunos... E os alunos já chegam fracos, desestimulados. O que o tempo não destrói por falta de manutenção, eles se encarregam de estragar”, analisa. Longe do Gomes Freire desde 92, Nilson hoje dá aulas no Colégio Paula Barrós, no Colégio Estadual Augusto Ruscki, em Paquetá, e na Escola Municipal José de Alencar, em Botafogo.

Adriana Lorete



Nilson duvida que se hoje fosse um estudante de escola pública teria condições de passar no vestibular